

LIBERDADE, ONDE ESTÁS?

O ECO DAS VOZES DAS VIDAS NO CÁRCERE

NASCIMENTO, Abdias. *Submundo: Cadernos de um penitenciário*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023, 320 p.

A longeva trajetória de Abdias Nascimento revela os passos de um intelectual que desde muito cedo sofreu na pele as nuances do racismo mascarado brasileiro. De origem humilde, Nascimento teve contato com a realidade de negação da existência negra, em diferentes dimensões, do mundo à sua volta. Mesmo tendo nascido 26 anos após a abolição da escravidão no Brasil, a vida do intelectual foi marcada por diversos desafios como afrodescendente. O maior de todos talvez tenha sido a luta contra o colonialismo e a falsa ideia de uma sociedade racialmente democrática em seu país.

Na condição de intelectual negro, Nascimento foi arauto da causa negra em diferentes segmentos: nas artes, na política, na educação, no ativismo, na diversidade de uma produção intelectual que reconhece a grandeza do

Brasil, sobretudo a partir da fundamental importância das culturas africanas e ameríndias como fundacionais da nossa brasilidade. Impossível conhecer Abdias sem lê-lo e conjecturar suas ideias com o pensamento afrodiaspórico. Autor de uma fortuna crítica inigualável, seus escritos contribuem em demasia para o aprofundamento de um tipo de conhecimento sobre a persona negra, colocando-a como protagonista de suas ações face às injustiças, abandonos, maus tratos, exclusões e discriminações sofridos a partir da pretensa superioridade racial criada pela violência do mundo colonial.

Conforme nos elucidava Frantz Fanon,¹ o mundo colonial é maniqueísta e seu questionamento não é apenas

1 Frantz Fanon, *Os condenados da terra*, Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

uma questão de ponto de vista entre colonizador e colonizado. É mais do que isso, é o dismantelo das limitações que impedem o avanço da diversidade das capacidades humanas. Abdias foi crítico de um cientificismo lombrosiano de defesa à ideia de predisposição biológica do indivíduo à conduta antissocial, de que alguns indivíduos são criminosos natos, com evidências físicas e atávicas e tentativa de culpa determinada por uma existência degenerada. A degeneração não é do indivíduo dito degenerado e sim da sociedade que o condena à coerção do cárcere por julgamentos morais e raciais.

Abdias Nascimento em *Submundo: Cadernos de um penitenciário*, manuscrito inédito e publicação póstuma, oferece ao leitor um livro comprometido com a crítica ao significado de um mundo sub-humano vivido no cárcere. O livro imprime a ideia do cárcere olhado por dentro. A passagem de Nascimento pela Penitenciária do Carandiru, no estado de São Paulo, em 1943, aos 29 anos, atesta não só um ato violento, como também a força de um poder opressivo e injustificável à condição humana dos indivíduos encarcerados. Logo no início

do texto, Nascimento escolhe inaugurar as primeiras palavras com Benedito, um sentenciado não escritor, mas que maneja as palavras em uma total e completa “inversão da norma”. Benedito escreveu “às escondidas”, buscando desvendar o que é o Carandiru. Carandiru é o lugar da desesperança, de uma não liberdade e de uma agonia sem fim que acompanha a não vida dos que lá se encontravam.

As narrativas que compõem a obra foram recolhidas por Nascimento há oitenta anos e impressionam porque, infelizmente, deixam marcadamente explícita, na transparência dos fatos, a atualidade de um sistema penitenciário carcomido. As histórias contadas pelos encarcerados são histórias reveladoras do caminho que fizeram da vida em sociedade, repleta de entraves, atropelos e entremeios, para o cárcere. Está posto, na forma como o leitor conhece cada narrador, por dentro do que é contado, que as histórias, embora individuais, cruzam elementos distintos de uma representação coletiva. A pergunta a ser feita, ao longo dessas narrativas, diz respeito ao conhecimento de quem são os sentenciados, como chegaram ao confinamento e se

de lá sairão com possibilidade de reintegração à sociedade.

Antes de tomar conhecimento das razões do confinamento de cada narrador, Nascimento é o narrador da sua própria condução forçada ao Carandiru. Sem perder os detalhes de composição dos fatos, o autor escancara os motivos arbitrários de sua prisão: recusa em datilografar um balancete. Do mais alto grau de incompreensão de um “crime” não praticado, Nascimento desnuda para o leitor o resultado da punição institucional do Exército sobre um soldado idealista e devotamente entregue “ao serviço das Armas” no seu país, dois longos anos de liberdade cerceada.

Um dos momentos mais humilhantes para Abdias, ao chegar no Carandiru, foi a apreensão dos seus pertences junto com o recebimento de um número de identificação, o 7349. Assim como os outros encarcerados, Nascimento atenderia aos impérios da prisão não pelo seu nome, mas pelo número recebido. Esse tipo de identificação na penitenciária é uma das mais cruéis formas de desumanização, de total descaracterização da pessoa humana e de objetivação da existência do sentenciado.

Relembremos os africanos escravizados no Brasil que tiveram seus nomes trocados em uma espécie de “batismo”. Apagar o nome foi uma das primeiras tentativas de providência violenta do colonizador para africanos esquecerem a identidade africana na diáspora, totalmente sem sucesso.

Submundo é um livro que conta, em detalhes, por meio de uma linguagem fluida, recheada de informações pormenorizadas, a vida dos sentenciados antes do cárcere. Os próprios detentos, na condição de narradores, conduzem o fio das narrativas com precisão, conhecimento de causa e autocrítica em relação aos fatos desencadeados. Nascimento cede o lugar de fala para registro no texto daqueles que desejam se manifestar, dando-se a conhecer pelo leitor. Ora temos a clara impressão de que Nascimento escreve o que ouve, ora, há evidência de que o texto brota da escrita do próprio sentenciado. Seja de uma forma ou de outra, a metodologia de composição do texto de Abdias está diretamente relacionada à audição das histórias, aos questionamentos que interpelam as possíveis lacunas dos narradores e ao registro dos testemunhos por

meio do encadeamento dos acontecimentos contados. São depoimentos que em sua íntegra demonstram a imperativa urgência da discussão dos efeitos do sistema prisional sobre a condição humana.

Os relatos dos companheiros de cárcere de Abdias Nascimento sedimentaram o que mais tarde foi chamado dentro do projeto intelectual do escritor de Teatro do Sentenciado. A aptidão para a representação teatral dos sentenciados foi descoberta no prenúncio dos testemunhos. A forma de narrar sobre si, de explicitar o “eu” e de naturalmente retirar a coisificação da pessoa humana nos depoimentos, foi um exercício fundamental para a fundação do Teatro do Sentenciado como prática experimental e coletiva de experiências de encenação desenvolvidas no interior da unidade prisional no Carandiru.

O Teatro do Sentenciado dentro do projeto intelectual de Nascimento foi politicamente e culturalmente revolucionário. Os sentenciados, por meio de suas vozes e de performances apresentadas no interior da unidade prisional, participaram de uma experiência artística de recuperação do significado do teatro para as classes populares,

reavendo as conexões dessa produção teatral com a história das relações entre arte e prisão, operando na modernização do teatro brasileiro, a partir da relevância das discussões relativas às imbricações entre raça e classe. O Teatro do Sentenciado, em sua gênese, abriu caminho mais tarde para a fundação do Teatro Experimental do Negro (TEN), em 1944. O TEN foi um teatro de importância ímpar para o momento político da época, formado por artistas negros e de total comprometimento com a representação da experiência de vida de afro-brasileiros. Tanto o Teatro do Sentenciado quanto o Teatro Experimental do Negro assinalam um ponto de virada na história da dramaturgia no Brasil pela inovação e proposição vanguardista da arte.

Logo na primeira parte de *Sub-mundo*, intitulada “Chegando...”, Nascimento interroga nas entrelinhas do texto qual é o sentido da mudança social e política que uma obra de exposição crítica ao sistema prisional brasileiro pode provocar. De acordo com Nascimento, o sentido está na responsabilidade das novas gerações, na maneira como podem “criar uma civilização melhor que a nossa”, sem apelar para o suicídio como se

deu com Stefan Zweig. Que novo sujeito é esse capaz de reconhecer as suas próprias limitações diante do capitalismo, de um sistema econômico de acumulação de riquezas baseado na propriedade privada dos meios de produção?, faz-nos refletir o autor. O sentimento de Abdias, ao chegar na penitenciária, é de inquietude, em uma perspectiva macro, e de súplica, sob o ponto de vista individual, à penalidade das “forças cegas” cúmplices de sua prisão injusta. E quanta injustiça não seria capaz de encontrar no âmbito das histórias de seus companheiros.

Ao longo das 320 páginas do livro, alguns dos números atribuídos à identidade dos sentenciados se transformam em nomes. O leitor passa a ter contato com nomes de “personagens” e com as especificidades de cada história apresentada. Histórias que fatalmente passariam despercebidas se não tivessem sido organizadas para dar sentido ao significado da liberdade cerceada pelo cárcere. Para a filosofia existencialista, a liberdade é inerente à existência e pode ser interpretada contemporaneamente como uma busca incessante e constante do ser humano para a compreensão da responsabilidade

que realmente tem diante das inúmeras formas de opressão do mundo globalizado. Formas disseminadas na inter-relação da negritude com as identidades e pertencimentos: de gênero, classe social, nacionalidade, ideologia, política e religião. Nascimento, em seu texto, antecipa uma campanha pelos direitos humanos e pelo direito à liberdade de vida e de existência dos encarcerados.

Em *Submundo*, Abdias Nascimento aponta o viés humanitário da administração do dr. Flávio Fávero no Carandiru, destacando o trabalho de Fávero para a redução do isolamento do encarcerado e estímulo às atividades culturais como o Teatro do Sentenciado. Mas ao mesmo tempo em que Nascimento percebe a tentativa de uma administração mais propositiva e menos caótica com a chegada do novo diretor, o intelectual não perde o compasso crítico sobre as reformas implementadas e suas consequências no contexto prisional. Ao conversar com seus companheiros, Abdias não tem receio de abordar assuntos sensíveis como o suicídio ou mesmo o problema da violência da vida sexual entre os encarcerados. A “escuta” de Nascimento funcionava como uma

espécie de catarse ao estabelecer um elo entre o antes e o depois, entre o passado e o presente de sujeitos que escavaram nas entranhas da memória a coerência de um testemunho criticamente digno à condição humana por dentro de suas próprias histórias.

Sem dúvida, Abdias Nascimento nos presenteou com um livro convidativo à leitura e, mais do que isso, um texto de excelência, que antecipa o pensamento negro radical de ativistas e intelectuais como a filósofa Angela Davis, por exemplo. Davis, totalmente à frente de seu tempo, dedica crítica contundente à sociedade opressora e defende o abolicionismo penal como mote para o enfrentamento do racismo

institucional. Conforme discutido pelo filósofo jamaicano Lewis R. Gordon,² afirmo que Nascimento não teve “medo da consciência negra”. O intelectual viveu a experiência negra da maneira mais intrínseca possível, desde seu rude despertar até a percepção da necessidade de tornar-se ativo. Abdias Nascimento não se deixou asfixiar pelas anomalias sociais e encarou com coragem e justiça sociedades antinegras, antipolíticas e antidemocráticas. *Submundo* está longe de representar apenas o cotidiano do confinamento; o livro é um testemunho coletivo e legítimo de vozes que ecoam da vida no cárcere para a liberdade.

Rosemere Ferreira da Silva  

Universidade do Estado da Bahia

DOI: 10.9771/aa.v0i69.63381

2 Lewis R. Gordon, *Medo da consciência negra*, São Paulo: Todavia, 2023.